

# UM CURRÍCULO AO AVESSO AN INSIDE-OUT CURRICULUM UN CURRICULO AL REVÉS



Revista Espaço do Currículo

ISSN 1983-1579

Doi: 10.15687/rec.v14i3.60767

<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php>

**Resumo:** A vida que transborda nas cidades, em suas arquiteturas de afetos, nas pessoas, imagens e escritas que agem sobre os corpos em seus múltiplos encontros exige um currículo ainda a ser escrito. Escrita inventiva, que narra a imaginação que resiste às identidades orgânicas de uma personagem, cujo diário é potência para liberar alegria que resiste à morte cotidiana. Um movimento hacker próximo à pichação, ferindo o corpo da cidade com uma escrita errante. Apostando na heterogeneidade de estilos de escritas, o artigo deseja liberar um currículo para encontrar o fluxo de vidas em composição com palavras e imagens. Na incerteza do que podem a estética e a ética ao virar o currículo ao seu avesso, às suas dobras infinitas nas quais habitam os sujeitos, os conhecimentos, as culturas ainda não-nomeadas.

**Palavras-chave:** Escrita experimental. Afeto. Diferenças.

**Juliana Aparecida Jonson Gonçalves**

Doutora em Educação

Docente do curso de Arquitetura e Urbanismo da Faculdade Galileu, Brasil.

E-mail: [juju.ajg@gmail.com](mailto:juju.ajg@gmail.com)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8363-3238>

**Antonio Carlos Rodrigues de Amorim**

Doutora em Educação

Professor na Universidade Estadual de Campinas, Brasil.

E-mail: [acamorim@unicamp.br](mailto:acamorim@unicamp.br)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0323-9207>

## Como citar este artigo:

GONÇALVES, J. A. J; AMORIM, A. C. R. UM CURRÍCULO AO AVESSO. **Revista Espaço do Currículo**, v. 14, n. 3, p. 1-13, 2021. ISSN1983-1579. DOI: <https://doi.org/10.15687/rec.v14i3.60767>.

Recebido em: 03/09/2021

Alterações recebidas em: 13/12/2021

Aceito em: 14/12/2021

Publicação em: 22/12/2021

**Abstract:** The life that overflows in cities, in their architecture of affections, in people, images and writings that act on bodies in their multiple encounters, demands a curriculum to be written. Inventive writing, which narrates the imagination that resists the organic identities of a character, whose diary is the power to release happiness that resists everyday death. A hacker movement close to the graffiti, wounding the city's body with errant writing. Betting on the heterogeneity of writing styles, the article wants to liberate a curriculum to find the flow of lives in composition with words and images. In the uncertainty of what aesthetics and ethics can do when turning the curriculum upside down, in its infinite folds in which as-yet-unnamed subjects, knowledge, cultures inhabit it.

**Keywords:** Experimental writing. Affect. Difference.

**Resumem:** La vida que se desborda en las ciudades, en su arquitectura de afectos, en personas, imágenes y escritos que actúan sobre los cuerpos en sus múltiples encuentros, exige un currículum aún por escribir. Escritura inventiva, que narra la imaginación que se resiste a las identidades orgánicas de un personaje, cuyo diario poder liberar la alegría que resiste la muerte cotidiana. Un hacker se acerca a un grafiti, hiriendo el cuerpo de la ciudad con una escritura errada. Apostando por la heterogeneidad de los estilos de escritura, el artículo quiere lanzar un currículum para encontrar el fluir de las vidas en la composición con palabras e imágenes. En la incertidumbre de lo que puede hacer la estética y la ética al dar la vuelta al currículum, en sus infinitos pliegues en los que habitan materias, saberes y culturas aún sin nombre.

**Palabras clave:** Escrita experimental. Afecto. Diferencia.

## 1 UM PIXO CURRICULAR

Pensar com uma escrita experimental, que inventa e compõe personagens, conceitos, cotidianos e corpos, fazendo emergir um plano imanente para o currículo seguir liberando as diferenças em combates nas representações de sujeitos que, embora aceitando-se como diversos, pouco têm chances de vazar suas singularidades por entre os discursos “mais desejados” no campo da pesquisa em educação. Currículo que opera inventivamente fora das lógicas da representação (AMORIM & SCOTT, 2017), que em suas textualidades e escritas merece ser olhado como um espaço e tempo de efetuação de outros possíveis que não perpetuem a reprodução, o ideal do mesmo e a tomada de posição frente à vida a partir de ideias moralizantes, intolerantes e universais (AMORIM, 2020).

Este artigo se aproxima da ideia de pensar políticas públicas em currículo, entendendo currículo como prática significante, como espaço-tempo de produção de sentidos, problematizações que Lopes e Macedo (2021) fazem à ilusão de que “as políticas curriculares, para serem públicas e universalmente distribuídas, precisam ter por destinatário um projeto de sujeito abstrato”(p. 4) e chamam a atenção de que consideremos as perspectivas de “sujeitos descentrados e marcados por uma falta constitutiva, sempre em processo de vir a ser, subjetivações em relações contextuais”(p.4), tais como a da imaginação, invenção e fabricação de experiências na linguagem.

Ao longo de vários anos pesquisando no campo de estudos de currículo, autores brasileiros e estrangeiros perseguem o currículo como em uma caça, em uma luta sedutora por signos que se dispersam, sem qualquer vontade de controle empírico, científico e enfadonho. Estendem-no em planos de variação de sentidos, para os quais as suas evidências pouco importam ou não são escolhidas para o *curricular*. Dentre esses autores, podemos citar Nilda Alves, Carlos Eduardo Ferraço, Marlucy Paraíso, Janete Magalhães, Maria Luiza Sússekind, William Pinar, Bernadette Baker, David R Cole, Noel Gough, dentre tantos outros.

Desse grupo de pensadores que deslocam o currículo de seus lugares (in)justificados, faz bem escutar Sandra Corazza (2019) perguntando sobre a docência, ato tão intrínseco ao currículo: “Por que não nos satisfazemos com a ideia de que a docência consiste na atividade insciente do sonho e da poesia, que coloca em curso individuações dos códigos, da linguagem e dos sujeitos da educação?” (p.21)

Neste artigo, destacaremos as vidas que sonham à maneira de um exercício do escritor que não se encerra no livro, do pichador que não se encerra em uma pichação, do educador que não se encerra em uma aula, da alegria que não se encerra em um só corpo.

Sonhos feitos com a força do camelo e a fúria do leão; com uma individuação processual; com um dialeto estrangeiro, nem materno nem paterno; numa inocente admiração filosófica diante da paisagem rostificada do mundo. Lá onde a língua onírica – inconsciente, infantil, feminina, animal – fala da Aula, lá começa a poética da docência a ser cultivada pela sensibilidade sonhadora do sonhador. (CORAZZA, 2019, p. 18).

Um sonho que vibra nas arquiteturas das cidades, em especial, as suas pichações e outras escritas de vidas invisíveis de corpos que deambulam nas ruas, becos, instituições e ao ar livre.

O propósito é abrir ao currículo as possibilidades de ser sonhado, mais do que aprisionado e demonstrado em empiria e teoria alheias ao que seja imanente à sua insurgência; e isso será feito em rabiscos e linhas e escritas tateantes.

A reconhecimento de tais rabiscos e seu movimento perfurador de limites, e pelo outro lado do pertencimento, das iconografias em concorrência diária com publicidades e tombamentos históricos, abre extensões a uma personagem que reconhece outros limites e caminhos dispostos nas cidades. É com esta personagem que cartografaremos os afetos de um currículo que sonha. Em sintonia com as discussões propostas por Alves e Santos (2016), o personagem conceitual auxilia-nos a criar conceitos. “São o ‘outro’ com quem conversamos para mover o pensamento” (p. 377).

Um *outro* que sonha o sonho de uma vida-obra inacabada. A vida-obra de Inaína<sup>1</sup>, personagem que é simultaneamente, invenção e coagulação de possíveis tantos nomes em uma nomeação enunciadora. Devém escrita em um tipo de diário cotidiano dos encontros com a cidade, este grande emissor de signos e afecções que nos atravessa a todes. Inaína nasce como companhia para a escrita de uma tese acadêmica e é força de combate às apresentações acadêmicas que, muitas vezes, se tornam gritos ecoando na atmosfera para serem capturados. Inaína se constrói a cada vez que aparece, no meio dessas situações, das palestras aos coquetéis, das festas às boates, dos amores às bibliotecas. É a subjetividade que se alarda para ser desconstruída em corpo subjéctil spinozano.

O encontro com a rua e a escola se faz pela ligação do afeto e no caminho, desertados, desorientados, seguidores de esteiras levados a infinitos cruzando olhares e acusações, tecido estriado, involução dos próprios dejetos. A máquina de guerra dos convivas deseja ser maior para estrangular aqueles que bloqueiam ações, fixam obstáculos e vomitam regras. Os convivas estão presentes para criptografar, são hackers por afetos na cidade. Criptografar e descriptografar afetos, Spinoza e os hackers de afetos.

Inaína é o fio metodológico da pesquisa que enlaça o currículo, ente-desejante, diferença brutal do mundo da representação e da mesmidade.

Inaína e sua escrita de um cotidiano prenhe de afecções é uma força poética acontecimental que interroga os currículos, suas teorias e práticas, quanto às variações que caberiam às tantas vidas para seguirem seus deslocamentos em liberdade, sem se aprisionarem em estruturas pré-moldadas, que ainda seguem desejando para o currículo escolar um comum unitário e igual como a promessa da redenção de um mundo com devires tão controlados e cooptados por escancaradas linhas de captura.

Porém, como destaca Carneiro (2020), há “devires produzidos por currículos menores que pulsam em ritmos diferenciadores na cidade. A cidade está repleta desses currículos menores, diferenciadores e ativadores do sensível como o currículo das errâncias” (p. 135 )

Uma primeira entrada nas errâncias pode ser observar discussões que tratem da expressão de sentimentos, das paixões que envolvem e envelopam o afeto em relações que estabelecem reuniões, famílias, discussões de trabalho, encontros em catracas, nos pontos de ônibus, museus, condomínios privados, ruas, casas, rádio e cama.

Inventar sem saber o que é liberdade, sem ultrapassar a diferença de natureza, vida alegre sem impedir percursos que as pazes podem ter. Inventá-lo, apenas como obra inacabada. Inaína-personagem-

<sup>1</sup> Inaína é potência variante da tese de doutorado Inaína, hacker dos afetos (Faculdade de Educação/Unicamp), 2016.

escrita-errante na cidade.

É que no currículo das errâncias o movimento de aprender acontece nos encontros com signos que disparam o estranhamento e a perplexidade, gerando hesitações nos corpos passantes. Dizendo de outro modo, as paradas no movimento produzidas pelos encontros com os signos dos artivismos carregam a possibilidade de desestabilizar certas crenças, de provocar desvios, errâncias no pensamento. Esse aprender envolve uma tarefa de composição do corpo-aprendiz com os signos disparados. Todavia, quando os ritmos entre os corpos aprendizes e os signos não se compõem, a relação correspondente é prejudicada ou mesmo impedida, anulada. Aí o aprender não é atualizado. (CARNEIRO, 2020, p. 108).

Errância também é rasura, apagar linhas, passar por cima de letras, riscar convidados, tomar um absintho, um conhaque, uma talagada de cachaça, lerdear-se no ócio, arretar, resetar, distribuir. Verbos precisam estar no presente<sup>2</sup>, lembranças no passado, loucuras soltas e respeito sempre. Tantas são as condições exigidas pelo afeto de alegria que escreve Spinoza. Essas são as forças motrizes para Inaína se infiltrar e inscrever-se currículo.

Você não sabe o que pode um corpo, a célebre frase de Deleuze. O currículo é um corpo, potências variantes que afirmam presentes e pulsionam futuros. Em um canto e outro da cidade há sempre o que acontecer e se está vivo, se está atento para perceber, não importa quais limitações corporais vivemos. Inaína é esta figura que nos chama a atenção para perceber as potências de um corpo, como aquilo que é afirmação e, simultaneamente, o que nega a vida, a realidade, Deus ou natureza, corpo e alma.

Uma metodologia de pesquisa (GONÇALVES e AMORIM, 2020) que tem como companhia uma personagem, no nosso caso a Inaína, questiona fortemente de que nos servem as implicações filosóficas que se alastram pelos campos da ciência e da arte? <sup>3</sup> Sim, esses dois campos que sobrevivem na constituição do que seja o currículo, nas pesquisas acadêmicas, experiências cotidianas, partilhas de conhecimentos, verdades, valores e liberdade nas escolas e fora delas também.

As próximas seções do artigo são um plano de consistência, díspar, do trabalho com a personagem Inaína, na pulsão com o conceito de *afehto*, para pensar currículo entre ética e estética.

Inaína sonha na/pela escrita, constituindo uma experiência errante da cidade. Gera efeitos nos corações ressentidos, tentados por imaginar chegar aos mesmos e já conhecidos lugares a partir das experimentações com o próprio afeto da personagem. As experimentações com o afeto de Inaína, conforme poderemos observar com a leitura de um extrato de seu diário, na seção seguinte deste artigo, trazem a grande marca da falta que fazem a ferro e fogo quando os acontecimentos recém-nascem em palavras.

É desta violência mundana, marginal e transfigurada que produz uma imagem avessa ao currículo comportado e do bom-mocismo, tão querido de tantas e tantas correntes pedagógicas e escolares. Ao avesso não é contrário ou oposto. Ao avesso é encontro com essas forças violentas que agem contra a representação, a identidade e o recognoscível.

## 2 VIDA INACABADA<sup>4</sup> – invenções cotidianas

Não é preciso arrambar, a casa está aberta, pelas janelas o vento de maio circula com notas do cheiro da morte, de ações paralisadas, de um corpo em decomposição com a vida e o rosto uma

2 Anotações sobre aula de Antropologia do risco, ministradas pelo Prof. David Le Breton, realizada na Université de Strasbourg, França, 2015.

3 Anotações sobre aula de Antropologia do risco, ministradas pelo Prof. David Le Breton, realizada na Université de Strasbourg, França, 2015.

4 Para ler os demais textos, acesse o LINK “OBRA INACABADA” [https://issuu.com/juljubjulianuskah/docs/obra\\_inacabada\\_ina\\_\\_na\\_julianajonso](https://issuu.com/juljubjulianuskah/docs/obra_inacabada_ina__na_julianajonso).

expressão de fadiga sem poder expressar ao certo do quê.

A morte no quarto, a lâmpada queimada, poucos livros na estante, na mesa ao lado da cama um terço cristão, um pires, uma vela pela metade, sobre o tapete chinelos e uma manta amarela; os pés com frouxas meias, as unhas das mãos com o esmalte descascado, no corpo um pijama e por toda a casa o som de um rádio na altura mínima toca a canção de Cartola:

Ainda é cedo, amor  
 Mal começaste a conhecer a vida  
 Já anuncias a hora de partida  
 Sem saber mesmo o rumo que irás tomar

Preste atenção, querida  
 Embora eu saiba que estás resolvida  
 Em cada esquina cai um pouco tua vida  
 Em pouco tempo não serás mais o que és

Nos dedos destacam-se apenas a profundidade de algumas linhas da pele, aparentam estar endurecidos como raízes expostas de uma árvore e imóveis pendem um diário. A sombra da árvore em sua cama no assoalho de tábuas antigas estende-se como as palavras que se calam na escrita em procura de vida, em busca do poder de ir e vir. Em uma página solta, as letras em traços leves demonstram um corpo sem amparo por sentenças a julgar o que faz e se desfaz.

Em muitas folhas que se despregam do caderno, na narrativa de experiências parece haver uma investigação pelo encontro com uma tal “felicidade”. Os pensamentos narram amontoados de situações emaranhadas às coisas como se pudessem organizar novos significados que movam Inaína dos lugares em que se diz incrustada.

É um corpo atado à escrita, mas como um vagão que quer descarrilar da composição de uma montanha russa no parque de diversões de uma pequena cidade. O brinquedo vem preencher o tempo das férias com sua carcaça enferrujada de cores apagadas pela escuridão da noite e traz a essência do cheiro de churrasco com as barracas em companhia. Um clima sinistro perambula com a emoção do experimento de partida, do trem que dá piruetas com as pulsões românticas, eufóricas e estroboscópicas de vagões guiados por trilhos sem que o caminho seja interrompido pelas ferragens.

Assim também como costumam ser as cidades, o tempo que nelas se oferece é o tijolo a delimitar trajetórias, arames, gramas, crachás, elevadores, catracas, repetidamente percorridos e de repente outras saídas, alavancas, precipícios, vales, buracos, portas. É o que a cidade tem a ofertar? E o que é aceito?

As horas andam e tudo fica parado, o movimento só ocorre ao vento e à água escoando na calçada. Estátua parada, as bitucas de cigarro à frente de um banco, as folhas empurradas pela vassoura, um papel de bala, a garrafa vazia de há dois dias, a marca de ferrugem da goteira na calha. Nada morre, foge e vai manter a felicidade capital e incapacitar o encontro fecundo de condições vivantes, felicidade.

O vento passa de meia em meia hora. Acende-se um cigarro e a chama do isqueiro vai ao contrário, de volta à casa... O vento costuma seguir à direita, mas hoje persiste em levar a fumaça do cigarro à esquerda. A rua está vazia, poucos carros passam. Sem mais trabalho, resta ir embora, subir a ladeira e rebolar, ainda há a necessidade de manter o equilíbrio.

Anos em passos de salto, algo incomoda os pés, mas a paciência está ao ponto de ignorar o chão e olhar somente a noite, bela em seu silêncio em respiração com a cidade, que parece dormir tranquila. Em lugares distantes talvez esteja insone sofrendo a dor de outras horas do dia, a cidade como cúmplice das horas perdidas, das descobertas, dos nervos a queimarem os olhos como se os fizessem chorar, das idas e vindas a construírem as próprias pontes, afinal as ofertadas não servem a todos para a passagem e os encontros.

A imaginação força um vagão a descarrilar da montanha russa, retira-o do meio em que as ferragens cultivam circunstâncias enclausuradas. Reinventar a cidade com imagens que as tornem meio de brotar

corpos de sensibilidade em conexão a evadirem-se de ordens hierárquicas, conhecimentos catalogados, paz burocratizada findada à moral e, enfim, da reprodução de um produto de poderes opressores, de estranho desarranjo por desencontrarem-se na inconsistência de suas forças e de regerem-se capitalmente nas interações perceptivas.

Sentimentos que o abastecem, se transferem, perpassam, entram, repetem-se e voltam. As ruas como resultado do corpo de um papel, a traçarem trajetórias pelo liame da intuição de um saber, mesmo incertas persistem em fiar teias de extensões unidas por coletivos de veios anárquicos. Soltar-se como um parafuso em meio às engrenagens da máquina gigantesca Globus, cair e rolar no chão da fábrica à procura de outras peças para inventar novas engenhocas, expor-se ao vento, à umidade, ao sol e sucatear as máquinas defasadas de viver. Sair para não ser mais torturado por entre os dentes das peças.

Vivenciar a complexidade, fazer da pele uma superfície de sensibilidades com outros corpos sem que as expressões se calem como imagens que se erguem como muros. Na imaginação, a cidade é o corpo cotidiano com suas vozes e ruídos que mobilizam, multiplicam territórios; infinda um mundo e rompe possibilidades do imaginário para fazer das paredes suporte à amores rompantes e espalhafatosos redobram-se das esquinas ao interior das casas.

É possível o mundo-vida crescer e através de seu reflexo dar um alcance de maior e distante horizonte? Para querer o desconhecido é preciso o despropositado, não pertencer à obediência de regras, não ter local fixo, somente um corpo e a rua para fazerem das conquistas expansão de territórios livres. Sair de casa sem pretensão de onde chegar, caminhar, fumar um cigarro, dois, três, parar em um bar, aproveitar-se de uma conversa fiada, volta e meia caminhar em bairros de classe média, encontrar construções abandonadas, terrenos baldios.

Assim acontece como hoje, em frente à fachada de um prédio com uma inscrição em tinta preta “teatro balcão”, muita sujeira, ferragens espalhadas pelo chão, resquícios de fogueira, colchões queimados, nenhum palco e na parede um nome escrito à merda. As janelas grandes, do tipo basculante no alto, a luz do dia entra e toda a escuridão de um teatro abandonado como poesia intensa. Destramase a sentença da mulher em uma arriscada dança em meio ao nojo que impede de dissipar-se na atmosfera e objeta o medo a alguém que possa entrar.

Apesar do estado desprezível, um lugar onde se abrigam pessoas e a imagem de exclusão. A indiferença é precisa para ter cautela e buscar as sensações neste espaço sujo, des-ideal e ir ao desconhecido que se perde em tempos não notáveis. A luz vinda das janelas esconde a tristeza e a alegria de alguns ao passarem por ali, enquanto a penumbra descortina imaginações, cada uma ao seu passo.

Lá fora um cliente, e, sem dizer o nome balbucia palavras sem esforço, para não dar sentido e sim um preço: o valor da conta de água - a todo momento o valor do aluguel ecoa enquanto os corpos ressoam desconfianças de que o esforço não será suportável, então o aluguel desaparece. É um dia na multidão de corpos em trabalho, uma máquina que se constrói com dinheiro e desmonta-se pelo prazer.

Figura 1 –Teatrogalpão



Fonte: Acervo pessoal, 2021.

Outro dia acordar como se o novo estivesse por vir e tudo não quisesse ser percebido. Toda a sensação não pertence ao corpo, escoar por poros para não existir nem mesmo em lembranças. Sair por ruas em mais um dia chuvoso, notar os muros, a paisagem cinza e pixações nas quais se encontram mais presença do que os corpos que caminham na cidade. O amarelo torna-se mostarda, o chão cinza escuro, as flores fosforecem e as abelhas são poucas. O muro chapiscado dá textura às letras pontiagudas, um C, depois um s e por último um O. O que significa essa sigla?

Mais à frente uma padaria, o dono já guarda os pães a virarem torradas do dia seguinte. Os olhos bem vermelhos pedem quatro pãezinhos mo-re-ni-nho-sss e fala lentamente para se ler nos lábios o batom carmim, cor herdada da avó. Surge um sorriso de soslaio do atendente, grita o caixa para não cobrar da moça. Pega-se o pão e duzentos gramas de mozzarella assim falada como fazem as senhoras madames corretas que deixam claro de que as ofertas não são baratas.

Pães, ódio, baratas e mozzarellas são colocados na sacola, atravessam uma luz branca que cobre o rosto como máscara espelhada, silencia-se o som ao redor e seguem ao encontro de postes apagados.

No percurso há uma ponte que se atravessa quase todos os dias e ao passar por debaixo dela, ressaltam-se sentimentos que ressoam com o concreto e o som dos motores de carros, caminhões e buzinas de motos. Um “te amo” escrito em meio ao vão intercepta a pergunta que não se cala no corpo: quais as percepções desencadeadas a cada sentimento que se tem? As sensações retornam com o tremer da ponte. Tão cedo não se possa interpretar, as duas palavras lidas, o amor é implorado para que afete enquanto os olhos queimam em preocupação. O reflexo na máscara espelhada traz a percepção de um sentimento, mas com as ressonâncias sonoras que se expressam, se esculpem os afetos. Do espelho e as vozes incessantes, com o som da travessia se faz um aprendizado do sentir.

As congas nos fones trazem a tranquilidade com a paisagem do ponto de ônibus.

### 3 INAÍNA-AFEHTO

Maquiagens, fantasias, continua-se o percurso em salões, convenções em que a invenção levou a insuportáveis trabalhos apresentados nos primeiros caminhos da história. Cacos, pedregulhos, arames, grampos, areia, espelhos, brincos, virgindade para não apavorar a tristeza, e sim o inverso, o de expor texturas das paixões que sempre levam a algum interessado questionar e se questionar. Pessoas solidárias nos momentos mais perversos, querendo fazer pensar e algumas cumprir papéis. Um trabalho provocativo, portanto, com a necessidade de colocar-se como personagem a camuflar-se em um novo mundo a construir. Fabulação, entrar na cabana e se perder, na toca do coelho e sair, as crianças na cama dos pais, estes espaços diferentes que são a contestação dos espaços onde vivemos.

Um lugar dos despidos, dos descontrolados, dos provocadores do sistema, pichações e prostitutas, lugares onde se discutem como nos diálogos do filme *Pixadores* (2014) e ressalta Kripta Djan (2012, s/p) “Quando não há justiça, há sempre insatisfação, e a pichação de um muro é o sinal da insatisfação.”

A mobilidade de compreender os afetos como sensação e não querer anulá-los. A desconstrução e construção contínua até que composições superem decomposições. O coração e às vezes a parte mais débil do cérebro dão a força vital para que o corpo se conserve pelo afeto. Os afetos ainda em um nível primário de conhecimento são responsáveis pela maleabilidade, a manuseabilidade das ciências, pelo gesto com a matéria. Os convivas, portanto, dançam e buscam entender o vento sem pudor com os corpos e os afeitos que os moldam e moldam os objetos que escondem segredos e intimidades a serem estratégia para dismantelar máquinas de poder.

O trabalho de Ináina não se contém solitário, as alianças com outras mulheres da vida sem o sentimento de culpa, a permitem pensar.

Pensar com a incerteza, que é dona de muitos momentos em uma história de paixões, que não se quer pertencimento.

Para desprender o corpo à escrita, transfigurar, assumir a busca de fazer-se personagem e vontade de se entregar, tornam tempo e disponibilidade necessários para perceber os hábitos e defender aqueles que potencializam uma personagem que precisa das ruas, assim como descobrir o que é do conviva.

Na ética spinozana, sensibilidade e atenção permitem saberes que distinguem o afeto da paixão, combatem a corrosão do afeto pela tristeza com a felicidade dos convivas. Ação, substanciar, bifurcar, hibridizar no plano dos afetos com apoio do pictórico do grafite e da pichação, fragmentos de iconografias tecnológicas educadoras.

Descobrir o afeito, a conjunção do afecto em Deleuze e Guattari e do afeto em Spinoza:

No pensamento contemporâneo, Michel Guérin é um daqueles que descobrem mais profundamente a existência de personagens conceituais no coração da filosofia; mas ele os define num "logodrama" ou numa "figurologia" que põe o afecto no pensamento. E que o conceito como tal pode ser conceito de afecto, tanto quanto o afecto, afecto de conceito. O plano de composição da arte e o plano de imanência da filosofia podem deslizar um no outro, a tal ponto que certas extensões de um sejam ocupadas por entidades do outro. Em cada caso, com efeito, o plano e o que o ocupa são como duas partes relativamente distintas, relativamente heterogêneas. Um pensador pode portanto modificar de maneira decisiva o que significa pensar, traçar uma nova imagem do pensamento, instaurar um novo plano de imanência, mas, em lugar de criar novos conceitos que o ocupam, ele o povoa com outras instâncias, outras entidades, poéticas, romanescas, ou mesmo pictóricas ou musicais. E o inverso também. Igitur é precisamente um desses casos, personagem conceituai transportado sobre o plano de composição, figura estética transportada sobre um plano de imanência: seu nome próprio e uma conjunção. Esses pensadores são filósofos "pela metade", mas são também bem mais que filósofos, embora não sejam sábios. Que força nestas obras com pés desequilibrados, Holderlin, Kleist, Rimbaud, Mallarmé, Kafka, Michaux, Pessoa, Artaud, muitos romancistas



ingleses e americanos, de Melville a Lawrence ou Miller, nos quais o leitor descobre com admiração que escreveram o romance do espinosismo... Certamente, eles não fazem uma síntese de arte e de filosofia. Eles bifurcam e não param de bifurcar. São gênios híbridos, que não apagam a diferença de natureza, nem a ultrapassam, mas, ao contrário, empenham todos os recursos de seu "atletismo" para instalar-se na própria diferença, acrobatas esquadrejados num malabarismo perpétuo. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 89-90)

O afehto é o salto da paixão à ação, é o movimento que se coloca sobre si, combate e risco entre paixões para surtir delas uma alegria que se salve, resista para fundar uma potência que independa do que lhe é externo.

É uma pichação. A estilística do pensamento em Buci-Gluksmann (2007) é também política como as pichações e os grafites tendem a ser; e estes por sua vez são escritas com estilo, o que para Deleuze e Guattari cria-se pelo escritor que retira os afectos do vivido. O diário de Inaína é a extração dos afehtos de currículos das errâncias.

Há um afehto que Inaína retira das ruas para poder hackear sua narrativa e que, quanto mais a imaginação se dá com o pensamento, o afehto territorializa Inaína em lugares que ela frequenta, seja inclusive a imaginação do leitor. Sugere para o currículo insinuar-se nesse movimento de hibridizar-se com o leitor por uma escrita que hackeia da palavra o seu lugar comum de significação e arrasta-o para a imaginação-sonho-criadora.

É um afeto de alegria, que realoca a sensação do prazer para a potencialidade do pensar, e o pensar à ação. É por este percurso que é possível perceber o que faz um dos protagonistas do documentário "Pixadores" (2014) saber ler pixo, e não saber ler o alfabeto romano que se aprende nas escolas.

José Gil (2008) nos ajuda a entender esse descompasso entre ler com letras e ler com traços. Segundo o autor, "o alfabeto compõe-se de <letras>. Aprendemos a <ler> e a <escrever> (isto é, a pensar), combinando-as para formar palavras, depois frases (ou seja, para articular uma questão e construir um problema). As mesmas letras não se encontram, pois, em toda parte, em todas as palavras" (p. 40).

Uma ideia se torna inteligível quanto mais e mais palavras associamos a ela, explicando-a, recortando-a, justificando-a, adensando-a e fazendo com ela o desaparecimento de seu avesso de tantos devires e virtualidades que contém. Assim, também ocorre com o currículo, que, "quanto mais complexo é o seu problema, mais numerosas são as letras necessárias para o elaborar". (GIL, 2008, p.40). E os especialistas de plantão não se cansam de insistir em tal desejo de clareza.

Um currículo ao avesso, um currículo afehtado por Inaína, reúne, agrupa heterogeneidades variadas, desde as linguagens e seus estilos. E, com elas, podemos pensar "o caos na pintura de Bacon, o devir-mulher num rito grego, o sistema buraco negro/parede branca da <facialidade> [visageité], a lógica do desejo esquizofrênico ou o pensamento de François Châtelet" (GIL, 2008, p.40).

Um avesso trans-verso.

#### 4 EXPRESSAR AFE-H-TO: uma ideia que afirma

Por que o aprendizado dos afetos a partir das iconografias urbanas implica em uma educação para os passeantes da cidade?

O que podem os afetos, sobretudo para descobrir outras formas de educação no cotidiano e sustentáveis na organização da cidade pelos que a frequentam e a usufruem, um aprendizado que não cabe a uma só especificidade, mas à multiplicidade.

É possível desenvolver uma educação pelas inscrições urbanas, dando sentido à etimologia da palavra educação - do latim educare, por sua vez ligado a educere, composta por ex - fora e ducere - guiar,

conduzir, obter<sup>5</sup> -, de conter o sentido de instruir, conduzir e guiar pelo fora, assim como obter faz da interação o aprendizado por relação substancial, e, portanto, spinozana:

Segue-se, ainda, pelo post. 4 da P.2, que é totalmente impossível que não precisemos de nada que nos seja exterior para conservar o nosso ser, e que vivamos de maneira que não tenhamos nenhuma troca com as coisas que estão fora de nós. Se, além disso, levamos em consideração a nossa mente, certamente o nosso intelecto seria mais imperfeito se a mente existisse sozinha e não compreendesse nada além dela própria. Existem muitas coisas fora de nós que lhes são úteis e que, por isso, devem ser apetecidas. Dentre elas não se pode cogitar nenhuma outra melhor do que aquelas que estão inteiramente de acordo com a nossa natureza. Com efeito, se, por exemplo, dois indivíduos de natureza inteiramente igual se juntam, eles compõem um indivíduo duas vezes mais potente do que cada um deles considerado separadamente. Portanto, nada é mais útil ao homem do que o próprio homem. Quero com isso dizer que os homens não podem aspirar nada que seja mais vantajoso para conservar o seu ser do que estarem, todos, em concordância em tudo, de maneira que as mentes e os corpos de todos componham como que uma mente só e um só corpo, e que todos, em conjunto, se esforcem, tanto quanto possam, por conservar o seu ser, e que busquem, juntos, o que é de utilidade comum para todos. (SPINOZA, 2009, p.169)

O postulado 6 da proposição 13 da parte II, sobre a natureza e a origem da mente, pronuncia que “o corpo humano pode mover e arranjar os corpos existentes de muitas maneiras” (SPINOZA, 2009, p.66), algo para afirmar o afeto como potência para a Educação e o que ela relaciona como alternativa, combinação e transformação por afetos alegres.

“Como se poderia, com efeito, distinguir subjetivamente a alegria passiva da alegria ativa? A diferença objetiva, como bem lembra Sévérac, não é um problema: somos causa parcial do afeto de alegria, nem caso, e causa total no outro. (...) Qualquer leitor de Spinoza, sabe que não se fala de dever moral: não somos obrigados a buscar a felicidade, por uma determinação extrínseca à nossa própria experiência afetiva. A questão, portanto, não é o que se deve ou não fazer, mas o que se ganha ou se perde ao se passar da alegria passiva à ativa.” (PAULA, 2010, p.230)

Espaços de convívio para a comemoração, a prática da arte como essencial, o declínio dos detentores da ação, o espalhamento de sensibilidade para dar resistência às relações, os espaços sem obstáculos, vazios para contemplação, a moderação dos clichês. Quanto mais chegam expressões a céu aberto, mais espaços infindos se fazem necessários. Aparecer e desaparecer em um curto espaço de tempo, trans, faz, traz ao espaço cotidiano a consciência de ação, intervenção, bem como uma ética dos afetos realizando uma imagética de trocas múltiplas e coletivas, singulares e imanentes, a poção que cabe a cada um saber fazer a sua.

“Qual é a singularidade da ética em Deleuze? Isso é uma coisa importante. Vamos voltar um pouco e pensar que a ética, em última instância, pelo menos do ponto de vista de uma das dimensões constitutivas do indivíduo, é um cuidado permanente com sua essência singular. Eu preciso fazer um esforço permanente para que os encontros elevem a minha potência de viver ao ponto que eu possa transformar as paixões, porque eu vivo no mundo das paixões, dos encontros casuais, e pelo menos criar as condições para que eu viva paixões alegres, porque elas me dão um sinal de que minha

5 DUCERE. In: DICONÁRIO multilíngue on-line. [S.l.] Glosbe, 2015. Disponível em : <http://pt.glosbe.com/la/pt/ducere>. Acesso em: 03/09/2021.

singularidade, minha essência singular, ou, vamos dizer, meu grau de potência se engrene com o aumento do meu poder de ser afetado.” (ORLANDI, 2009, não paginado)

Se por ética compreendemos passar da passividade à atividade, da paixão à ação, de fato, se somos passivos, se tem-se conhecimento inadequado dos apetites e dos desejos, se não há uma vontade racional capaz de dominar as paixões, como a Ética há de ser possível? “A ética supõe e exige seres racionais, mas somos naturalmente afetos e desejos.” (CHAUÍ, 2011, p.95), portanto a essência que em Spinoza é a “potência de perseverar o próprio ser”, indica que esta advém mesmo dos sentimentos, paixões tristes e paixões alegres.

Amplitudes e desordens nas salas de vestir, no público, privado, a elasticidade dos afeitos se dá com a imagem. O aprender é um acontecimento, resultado dos bons encontros. Respeitar os convivas, realizar conexões sustentáveis, em uma rede periférica integrada, linkada, geo-referenciada, ler o muro, expressão entre pichadores, não é um conhecimento para a maioria da população, no entanto, dá entendimento além das palavras, educação que se descarrega do pesado cunho de profissão, ministério.

O problema mudaria se fosse um outro plano de imanência. Não que aquele que crê que Deus não existe pudesse então ser vencedor, já que ele pertence ainda ao antigo plano como movimento negativo. Mas, sobre o novo plano, poderia acontecer que o problema dissesse respeito, agora, à existência daquele que crê no mundo, não propriamente na existência do mundo, mas em suas possibilidades em movimentos e em intensidades, para fazer nascer ainda novos modos de existência, mas próximos dos animais e dos rochedos. Pode ocorrer que acreditar neste mundo, nesta vida, se tenha tornado nossa tarefa mais difícil, ou a tarefa de um modo de existência por descobrir, hoje, sobre nosso plano de imanência. É a conversão empirista (temos tantas razões de não crer no mundo dos homens, perdemos o mundo, pior que uma noiva, um filho ou um deus...). Sim, o problema mudou. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 98-99)

O problema para o currículo passaria, por aproximação imaginativa, portanto, a ser como o afeito da pixação estabelece um convívio ao olhar selvagem das cidades. A afecção de quem foge da polícia/da política da morte é o afeito a quem pretende não estar só sujeito às ações cotidianas do presente, mas de poder agir sobre elas e resistir à sua brutalidade, sonhando poética e graficamente um pixo do futuro.

É o que Janete Magalhães Carvalho (2019) discutirá em seu artigo sobre “espaços que produzem corpos e corpos que produzem “endereço”, pois são forças ativas, mas são essas mesmas forças que atuam de forma inativa” (p.54). Cidade-Inaína-currículo-afeito. Afirmção heterogênea de outras existências em um estado de perda do mundo e das realidades estruturantes.

As experimentações de encontros, com/nos/pelos currículos, associam-se com o aumento ou a diminuição da potência de agir. Conforme observamos, nesse movimento convivem afetos alegres e tristes. O desafio é, seguindo o pensamento de Carvalho (2019), ampliar as zonas de ativação das experiências alegres. É nessa dobradura entre o verso e o reverso, entre o avesso da costura e o excesso das paixões servis, que Inaína, em seu diário, escreve e nos inscreve em um tipo de diário para uma educação em devir.

Faz isso, é agente, por uma pulsão de aglutinar ética e estética curriculares.

## AGRADECIMENTOS

Ao CNPq, pelo financiamento da tese de Doutorado (Proc. 141529/2013)

À CAPES, pela bolsa de estágio doutorado sanduíche no exterior na Université de Strasbourg, France (Proc. BEX 6732/15-1)

Ao CNPq, pelo financiamento do projeto Intervalar o currículo: potências das audiovisualidades (Proc. 484908/2013-8)

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Nilda; SANTOS, Joana Ribeiro. REDES DE CONHECIMENTOS E CURRÍCULOS: agenciamentos e criações possíveis nos movimentos estudantis recentes. **Espaço do Currículo**, v.9, n.3, p. 372-392, Setembro a Dezembro de 2016.
- AMORIM, Antonio Carlos R. de Diagramas para um currículo-vida. **HUMANIDADES & INOVAÇÃO**, v. 7, p. 406-420, 2020.
- AMORIM, Antonio Carlos R. & SCOTT, David. Learning and the Rhizome: Reconceptualisation in the Qualitative Research Process. **MAGIS (EN LÍNEA)**, v. 11, p. 125-136, 2018.
- BUCI-GLUCKSMANN, Christine. Variações sobre a imagem: estética e política. In: LINS, Daniel (org.) **Nietzsche/Deleuze: imagem, literatura e educação**. Simpósio Internacional de Filosofia, 2005. Rio de Janeiro: Forense Universitária; Fortaleza: Fundação de Cultura, Esporte e Turismo, 2007, p.70-85.
- CARNEIRO, Gláucia Conceição. Currículo das errâncias com a pedagogia da hesitação : corpo, cidade e artivismos (**Tese de Doutorado em Educação, UFMG**) Belo Horizonte, 2020. 159 f.
- CARVALHO, Janete Magalhães. Macro/micropolítica, cotidiano escolareconstituição de um corpo coletivo em devir. **ETD-Educação Temática Digital**. Campinas, SP. v.21.n.1. p.47-62jan./mar. 2019.
- CHAUÍ, Marilena. **Desejo, paixão e ação na ética de Spinoza**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- CORAZZA, Sandra Mara. A-Traduzir o Arquivo da Docência em Aula: Sonho Didático e Poesia Curricular. **Educação em Revista** .v.35.e217851. 2019
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O que é a filosofia?** (Tradução de Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz). São Paulo: Editora 34, 1992.
- DJAN, C. I., “Cripta Djan: O pixador é o artista que transcendeu as telas.” **Revista O Vies**. (Entrevistadores: RHODEN, C. et al.) [S.l.:s.n.] em 08/11/2012. Disponível em: <https://www.revistaovies.com/2012/11/08/cripta-djan-o-pixador-e-o-artista-que-transcendeu-as-telas/>. Acesso em 03/09/2021.
- GIL, José. **O imperceptível devir da imanência: sobre a filosofia de Deleuze**. Lisboa, Portugal: Relógio D'Água, 2008.
- GONÇALVES, Juliana Jonson; AMORIM, Antonio Carlos R. Invenções e atualizações no campo acadêmico: uma escrita de tese acontecimental. In: LEÃO, Cláudia; BRITO, Maria dos Remédios de (Orgs). **Estalos, incidentes e acontecimentos como procedimento e método da pesquisa em artes** [recurso eletrônico] / Belém: Programa de Pós-Graduação em Artes/ UFPa, 2020. p. 104-115. Disponível em: <https://livroaberto.ufpa.br/jspui/handle/prefix/914>. Acesso em 13/12/2021.
- LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. Apresentação - Uma alternativa às políticas curriculares centralizadas. **Roteiro**, Joaçaba, v. 46, jan./dez. 2021 | e27181 |E-ISSN 2177-6059.
- ORLANDI Luís B. Lacerda, “Ética em Deleuze.” **Revista CPFL Cultura**. (Entrevistadora: Fernanda Bellei) [S.l.:s.n.] em 19 jan. 2009. Disponível em: <https://institutocpfl.org.br/cafe-filosofico-etica-em-deleuze-luiz-orlandi/> . Acesso em 03/09/2021.
- PAULA, Marcos Ferreira de. Como tornar-se livre e feliz. **Cadernos Espinosanos/Estudos sobre o século XVII**, no22, p.229-236, jan-jun 2010.
- SPINOZA, Benedictus de. **Ética/Spinoza**. (Tradução de Tomaz Tadeu). Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- Pixadores**. Direção: Amir Escandari. Finlândia: HelsinkiFilmi, 2014. Dvd (93 min) colorido.



Este obra está licenciado com uma Licença [Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).